

I

GALOPE MORTO

Como cinzas, como mares a povoar-se,  
na lentidão submersa, no informe,  
ou como do alto dos caminhos se ouvem  
cruzar as badaladas em cruz,  
tendo esse som já fora do metal,  
confuso, a fazer peso, tornando-se pó  
no próprio moinho das formas demasiado longe,  
ou recordadas ou não vistas,  
e o perfume das ameixas que, rolando pela terra,  
apodrecem no tempo, infinitamente verdes.

Aquilo tudo tão rápido, tão vivo,  
imóvel contudo, como a polé louca em si mesma,  
essas rodas dos motores, enfim.  
Existindo como os pontos secos nas costuras da árvore,  
calada, por ser um arredor, de tal maneira,  
todos os limbos misturando suas caudas.  
É que de onde, por onde, em que margem?

O cerco constante, incerto, tão mudo,  
como os lilases em volta do convento,  
ou a chegada da morte à língua do boi  
que cai aos tombos com violência, e cujos cornos querem soar.

Por isso, no imóvel, detendo-se, perceber,  
então, como um adejo imenso, em cima,  
como abelhas mortas ou números,  
ai, o que o meu coração pálido não pode abarcar,  
em multidões, em lágrimas quase não saindo,  
e esforços humanos, tormentas,  
acções negras descobertas de repente,  
como gelos, uma desordem vasta,  
oceânica, para mim que entro a cantar  
como com uma espada entre indefesos.

Pois, de que é feito esse surgir de pombas  
que há entre a noite e o tempo, como um barranco húmido?  
Esse som já tão longo  
que cai listrando de pedras os caminhos,  
ou antes, quando só uma hora  
cresce de improviso estendendo-se sem tréguas.

Dentro do anel do verão  
por certo as grandes abóboras escutam,  
esticando suas plantas comovedoras,  
disso, de insistirem muito,  
da plenitude, obscuras de pesadas gotas.

## ALIANÇA (SONATA)

De olhares poeirentos caídos ao chão  
ou de folhas sem som e a sepultar-se.  
De metais sem luz, com o vazio,  
com a ausência do dia morto de repente.  
No alto das mãos o deslumbrar de borboletas,  
o arrancar de borboletas cuja luz não tem termo.

Tu guardavas a estela de luz, de seres partidos,  
que o sol abandonado, ao entardecer, atira às igrejas.  
Tingida com olhares, com objecto de abelhas,  
teu material de inesperada chama a fugir  
precede e segue o dia e sua família de ouro.

Os dias à espreita atravessam em segredo  
mas caem dentro de tua voz de luz.  
Oh dona do amor, em teu descanso  
fundei meu sonho, minha atitude silenciosa.

Com teu corpo de número tímido, estendido de súbito  
até às quantidades que definem a terra,  
atrás da batalha dos dias brancos de espaço  
e frios de mortes lentas e estímulos murchos,  
sinto arder teu regaço e transitar teus beijos  
fazendo andorinhas frescas em meu sonho.

Às vezes o destino de tuas lágrimas ascende  
como a idade até à minha frente, ali  
estão a bater as ondas, destruindo-se até à morte:  
seu movimento é húmido, sem rumo, final.

## CAVALO DOS SONHOS

*Desnecessário, vendo-me nos espelhos,  
com um gosto a semanas, biógrafos, papéis,  
do coração arranco o capitão do inferno,  
estabeleço cláusulas indefinidamente tristes.*

*Absorvo ilusões, erro de ponto em ponto,  
converso com os alfaiates em seus ninhos:  
amiúde, eles, com voz fatal e fria,  
cantam e fazem fugir os malefícios.*

*Um extenso país no céu existe  
com os supersticiosos tapetes do arco-íris  
e as vegetações crepusculares:  
para lá me dirijo, não sem certa fadiga,  
pisando terra mexida de sepulcros recentes,  
sonho entre essas plantas de legumes confusos.*

*Passo por documentos desfrutados, entre origens,  
vestido como um ser original e abatido:  
amo o mel usado do respeito,  
o doce catecismo entre cujas folhas  
dormem violetas envelhecidas, esvaídas,  
e as vassouras, comovedoras de auxílio,  
na sua aparência há, sem dúvida, desgosto e certeza.  
Destruo a rosa que assobia e a ansiedade raptora:  
quebro extremos queridos: e, ainda mais,  
guardo o tempo uniforme, sem medida:  
deprime-me um sabor que tenho na alma.  
Que dia aconteceu! Que espessa luz de leite,*

*compacta, digital, me favorece!*  
*Ouvi relinchar seu cavalo vermelho,*  
*nu, sem ferraduras e radiante.*  
*Com ele atravesso sobre igrejas,*  
*galopo nos quartéis desertos de soldados*  
*e um exército impuro me persegue,*  
*Os seus olhos de eucalipto roubam sombra,*  
*o seu corpo de sino galopa e vai batendo.*

*Preciso de um relâmpago de fulgor persistente,*  
*de um parente festivo que assuma a minha herança.*

## DÉBIL DA ALVORADA

O dia dos infelizes, o dia pálido surge  
com um dilacerante aroma frio e com forças de cinza,  
sem guizos, gotejando a alvorada por toda a parte:  
é um naufrágio no vazio, com arredores de pranto.

Porque se afastou de tantos sítios a sombra húmida, silente,  
de tantas meditações inúteis, tantos lugares terrestres,  
onde deve ter ocupado até o desígnio das raízes,  
de tanta forma aguda que se defendia.

Choro no meio do invadido, entre o confuso,  
entre o sabor crescente, pondo o ouvido  
na pura circulação, nesse crescer,  
cedendo sem rumo a passagem ao que chega,